

LONDRES UM LONGO DIA

7 de julho de 2005. O dia começou com bandeiras e comemoração pela vitória em sediar a Olimpíada. Mas muitos dos que saíram para trabalhar naquela manhã cheia de otimismo nunca voltariam para casa.

POR EDDIE BARNES, BRIAN BRADY,
RICHARD GRAY E TOM MARTIN



ERA UMA NOITE barulhenta no *pub* Litten Tree, na Old Street, em Londres. Os funcionários da empresa City Asset Management, situada a poucos metros dali, se divertiam após um dia de trabalho, e as bebidas rolavam soltas. Depois da última rodada, um pequeno grupo de amigos decidiu ficar um pouco mais. Entre eles, o administrador de sistemas Jamie Gordon, 30 anos, que vestia camisa e gravata cor-de-rosa. Eram quase onze da noite e ele sabia que seria difícil voltar para Enfield, onde morava com sua namorada de longa data, Yvonne Nash. Assim, decidiu ficar e se esticar no sofá do apartamento de um amigo no centro de Londres.

LONDRES, 7 DE JULHO

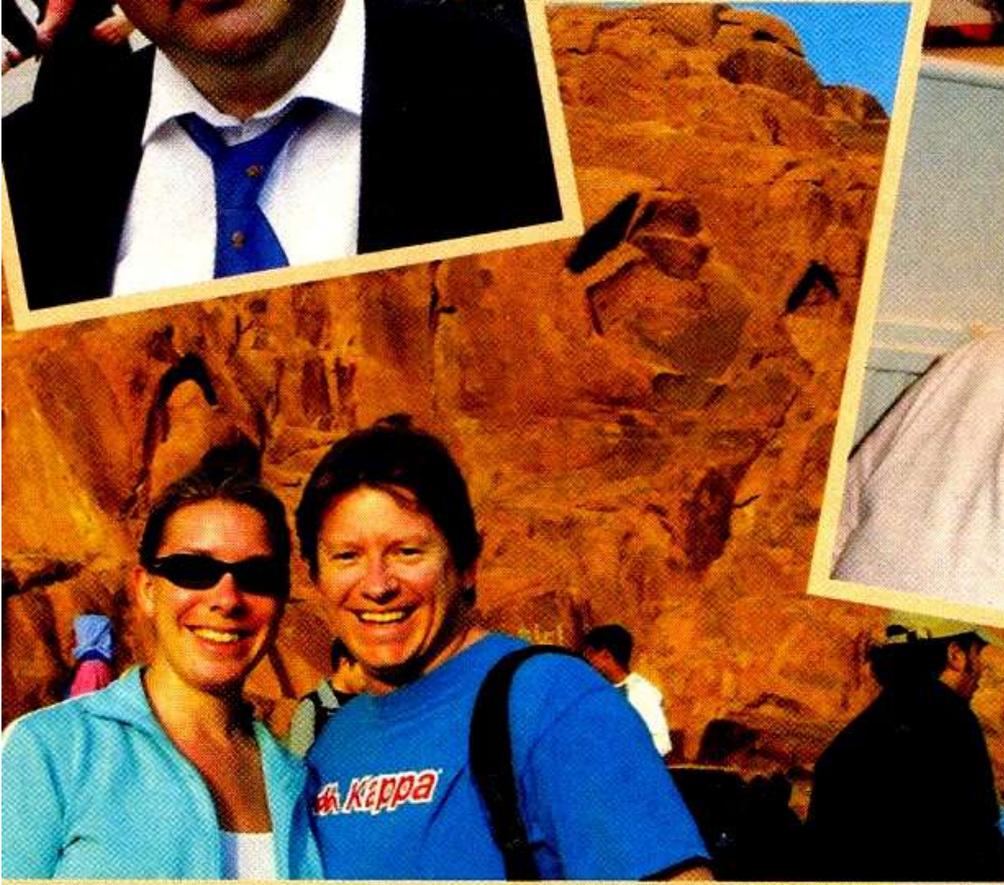
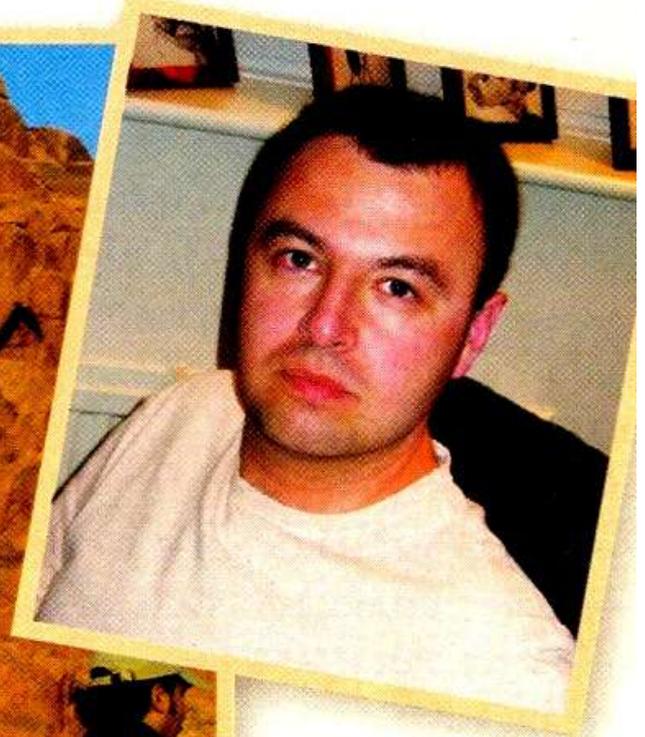
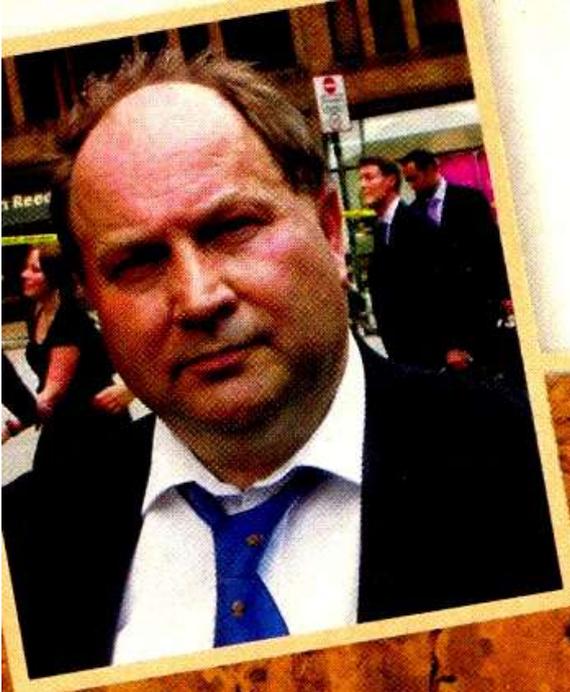
DE MANHÃ BEM CEDO, Conrad Murkitt estava se preparando para mais uma das costumeiras viagens de trem das quintas-feiras rumo à capital. Murkitt, um bem-sucedido executivo da área de informática, mora em Thrapston, uma linda cidadezinha perto da Floresta de Rockingham, em Northamptonshire. Ele vinha percorrendo seu longo caminho até o edifício da Reuters, que dá vista para o Millennium Dome, para sua reunião semanal com os colegas da agência de notícias. Como de hábito, tinha colocado na mochila seu aparelho de MP3 antes de sair de casa, onde deixara a mulher ainda dormindo.

Ao mesmo tempo, o Dr. Peter Holden, clínico geral de Matlock, em Derbyshire, estava se preparando para sair de seu apartamento em Upper Woburn Place, no distrito de Bloomsbury, no centro de Londres, onde fica em suas viagens semanais à cidade. Como um dos representantes dos clínicos gerais na Associação Médica Britânica (AMB), Holden tinha de reler suas anotações antes da reunião com os responsáveis do governo pela área da saúde, que ocorreria ainda naquela manhã.

Na manhã de quinta-feira, 7 de julho, a cidade estava feliz com sua rotina. As festivas bandeiras e flâmulas que celebravam a vitória de *lord* Sebastian Coe na disputa pela Olimpíada tremulavam ao vento que, com o desenrolar do dia, se tornaria um furacão.

Outro que acordou cedo foi *sir* Ian Blair, comissário de polícia da área metropolitana. Ele tinha uma entrevista às 7h20 no programa *Today*, da BBC, no qual responderia a perguntas sobre a possibilidade de, até os Jogos Olímpicos, a cidade estar preparada para enfrentar as ameaças terroristas.

Um dia fatal: Peter Holden, Conrad Murkitt e Jamie Gordon. Um conseguiu ajudar, outro tornou-se vítima, e o outro, sobrevivente.



Talvez animado pelo otimismo do dia anterior, *sir* Ian adotou um tom entusiasmado demais. “Nós fomos apontados pela Inspetoria Real das Polícias como invejados pelas polícias de todo o mundo no que diz respeito a ações contra o terrorismo, e tenho certeza de que somos muito capazes”, disse. O antecessor de *sir* Ian, *sir* John Stevens, antes de deixar o cargo tinha declarado que não era uma questão de “se, mas de quando” haveria um ataque terrorista maciço em Londres.

Pouco mais de uma hora depois da entrevista de *sir* Ian, Conrad Murkitt não estava preocupado com assuntos sérios. Na estação da King’s Cross, ele tinha de se decidir entre tomar o trem da Northern Line ou da Circle Line – já que ambas as linhas lhe serviam. Atrasos constantes do primeiro fizeram com que ele optasse pelo segundo. Contrariando seu costume, entrou na parte da frente do trem. “Em geral, eu pego um vagão do fim porque é mais fácil de desembarcar, mas resolvi pegar aquele”, disse. Colocou os fones do tocador de MP3 nos ouvidos, ligou o aparelho e fechou os olhos.

Em Bloomsbury, o Dr. Peter Holden percorreu a pequena distância até o edifício da Associação Médica Britânica, na Tavistock Square. Então, subiu até seu escritório e começou a conversar com os colegas da associação, entre eles a Dra. Mary Church, clínica geral de Larnarkshire, que tinha vindo da Escócia no início daquela semana.

Perto dali, Jamie Gordon se recuperava da noitada. Como não precisara vir de Enfield, pôde descansar um pouco mais naquela manhã. Ele ainda teria mais meia hora antes de decidir sair finalmente para o trabalho.

ALDGATE, 8H50

Às 8H50, à medida que o trem de Conrad Murkitt ia em direção oeste, da estação da Liverpool Street para a de Aldgate, o ataque terrorista que Stevens tinha previsto começava. No terceiro vagão, o homem-bomba, Shehzad Tanweer, explodiu perto de uma porta dupla. O trem de Aldgate era um modelo-padrão londrino, construído com uma estrutura de aço resistente e acabamento em alumínio reforçado. Mas não conseguiu suportar o poder destruidor da bomba. Os explosivos abriram um buraco na lateral e outro no piso do vagão, matando instantaneamente os passageiros que estavam por perto. Murkitt se achava dois vagões atrás. “Não fazíamos a menor idéia do que tinha acontecido”, explicou. “Houve pânico no início porque as pessoas acharam que a fumaça era causada por um incêndio. Mas ela se dissipou e nós esperamos um pouco.”

Dois vagões à frente, no entanto, a cena era de carnificina. Steve Talevski, gerente de um café em Crouch End, na parte norte de Londres, estava lá; ia para uma reunião em Parsons Green, na área sudoeste londrina. A longa demora para atravessar a cidade, ele se lembra, tinha sido aliviada por um rápido encontro na plataforma. “Quando estava ali parado, uma jovem, na minha frente, que trajava um delicado vestido azul, virou-se e me deu um lindo sorriso. Eu também sorri. Ainda consigo me lembrar do seu rosto.”

Minutos depois, o cenário era totalmente diferente. Após o choque da



Paramédicos correm até a estação de Aldgate. Quando não agüentavam mais as cenas de horror, refugiavam-se na igreja de St. Botolph, próximo dali, que virou centro de comando e local de oração.



explosão, vieram as cenas de horror e o cheiro nauseante de borracha queimada. “Um homem estava caído no chão, com o corpo ensanguentado de uma mulher sobre o dele. Eu me senti como se estivesse delirando”, contou Talevski. No vagão de trás, no meio de outra confusão – aonde a verdadeira cena de devastação ainda não tinha chegado –, Murkitt e um companheiro de viagem tentavam abrir uma porta para deixar sair a fumaça. Finalmente, começaram a ver os abençoados focos das lanternas dos policiais iluminando o túnel. Foi pedido aos passageiros que caminhassem até a estação de Aldgate – o que significava ter de passar pelo vagão atingido. “Eles disseram que não olhássemos.” Mas Murkitt olhou. “Havia um rapaz que parecia que toda a sua roupa tinha sido rasgada, e ele estava coberto de sangue da cabeça aos pés.”

Da estação, Murkitt rapidamente ligou para a mulher, em Northamptonshire. Quando chegou à rua, respirou o ar fresco de Londres. A cidade já não era mais a mesma.



Feridos e desorientados, os passageiros foram retirados da Piccadilly Line. No inferno subterrâneo, o cheiro de carne humana queimada era insuportável.

KING'S CROSS, 8H50

EM QUESTÃO de segundos, houve a confirmação de que Londres estava sob ataque. Mais duas explosões – uma ao sul da King's Cross e outra na estação da Edgware Road, na direção oeste – massacraram a capital com um intervalo de apenas cinquenta segundos.

O ataque à King's Cross foi o mais mortal de todos, agravado pelo fato de a Piccadilly Line, onde aconteceu, ser uma das áreas mais profundas de toda a rede. O túnel estreito está aproximadamente 30 metros abaixo da Euston Road. Isolados e com as paredes do túnel do metrô a ponto de desmoronar, os passageiros foram lançados em um verdadeiro inferno.

Na parte da frente estava Mark Margolis, 28 anos. Havia apenas uma hora, ele tinha se despedido da mulher com um beijo, ao sair de casa, em

Finsbury Park, e iniciou sua viagem diária para o escritório, em Fulham, sudoeste de Londres, onde trabalhava como gerente de projetos para uma empresa de *softwares*.

Margolis estava sentado, lendo um livro, num dos primeiros assentos da frente do trem, quando houve a explosão dentro do vagão. Carregando cerca de mil passageiros, o trem tinha acabado de sair da King's Cross e se dirigia para a Russell Square. A bomba atingiu a extensão total de um trem dentro do túnel, na parte da frente. Não se sabe como, apesar de estar perto do epicentro da explosão, Margolis não sofreu ferimentos graves.

“Ficou escuro de repente, e muita gente começou a gritar”, lembra. “Achei que tínhamos batido em alguma coisa e que havia um incêndio, pois sentia cheiro de fumaça. Não conseguia pensar em nada, mas, se havia um incêndio, não iríamos sobreviver, e eu sabia que precisávamos sair dali. Todo mundo estava gritando, todos os vidros das janelas haviam se quebrado, e eu tinha um corte na cabeça. Senti sangue no meu rosto.”

Os sobreviventes foram forçados a passar por uma segunda provação: a longa caminhada no escuro até a estação, com o forte cheiro de fumaça ainda no ar e uma poderosa corrente elétrica nos trilhos.

Todos os felizardos que conseguiram chegar à parte de cima fizeram o que Murkitt tinha feito, seu primeiro reflexo: ligaram para parentes e amigos. Logo em seguida, a rede de telefonia celular foi desativada.

Para o experiente inspetor de polícia Ray Shields, as cenas eram todas muito familiares. Ele tinha viajado mais cedo de sua casa em Peterborough, Cambridgeshire, até a King's Cross. Também tinha estado lá em 1987, quando um incêndio no metrô matara 31 passageiros. Agora, dezoito anos mais tarde, como inspetor sênior do British Transport (órgão oficial de transportes em Londres), o horror se revelava novamente.

Shields e seus colegas policiais correram para o local assim que ouviram a explosão e começaram a tentar retirar os passageiros presos dentro do túnel. A cena era caótica. Somente aqueles que tinham ficado do lado da King's Cross podiam ser retirados: a maioria ficara presa atrás do local da explosão, que havia bloqueado o túnel. A polícia do lado da King's Cross viu o dano maior. O sargento Steve Betts, um dos primeiros policiais do British Transport a chegar ao local, fez uma terrível descrição da tragédia: “Eu não sou muito bom em locais fechados em situações críticas, mas nós tínhamos de passar por cima de corpos e pedaços de corpos

“Eu disse que ele sairia vivo dali.”



Peter Zimonjic estava na Circle Line indo para Edgware Road quando as explosões começaram.

Houve um estouro e um clarão. Nosso trem parou violentamente. Parecia que tínhamos batido de frente, mas ao nosso lado havia um trem indo na outra direção.

“Precisamos de paramédicos, agora!”, alguém gritou. Em choque, caminhei para frente e passei pelo buraco aberto no trem da Circle Line.

Todas as janelas tinham estourado. As portas espatifaram-se, como se nunca houvessem existido. O teto estava retorcido e uma cratera imensa ocupava o chão no meio do vagão. As paredes estavam pretas com cinzas e salpicadas de sangue, e o chão, escorregadio com um misto de sangue e vidro quebrado.

Ouvi a voz de um homem vinda de baixo, rouca de dor.

Ele disse que seu nome era David. Sua perna estava sangrando muito, mas alguém fizera uma atadura de improviso com uma camisa.

“Usei minha camisa como torniquete”, falou uma voz com sotaque sul-africano. “Ele precisa sair daqui agora, ou entrará em choque.” O sul-africano se apresentou como Jason, ele mesmo precisando de cuidados. Na cabeça, um corte profundo, assim como no punho e na perna.

THE SUNDAY TELEGRAPH (10 DE JULHO DE 2005). © 2005 THE TELEGRAPH GROUP LTD.

para tentar ajudar as pessoas. Encontrei um homem cuja perna tinha sido dilacerada abaixo do joelho. Havia outro corpo próximo a ele. Havia também algo que eu pensei ser um monte de roupa, mas que, quando passei, gemeu e pediu ajuda. Era uma mulher. Seus braços e pernas estavam destruídos. Acho que ela morreu na estação.”

EDGWARE ROAD, 8H50

A BOMBA da Edgware Road foi particularmente cruel. Como as outras duas, o dispositivo foi colocado na parte da frente do trem da Circle Line, no segundo vagão, no espaço próximo às primeiras portas duplas. Mas a força da explosão foi tão grande que destruiu a estrutura do vagão e a parede do túnel também. Do outro lado da parede, um outro trem se deslocava no senti-

Ficamos ao redor de David e pegamos os celulares dos outros para iluminar o ferimento. Jason fizera um bom trabalho ao estancar o sangramento, mas David estava perdendo as energias. Dei alguns goles de água de uma garrafa para ele. Passei a mão em sua cabeça e disse que ele sairia vivo dali. Esperava que acreditasse em mim.

Nós que estávamos tentando tratar os feridos criamos logo uma forte união. Duas estudantes de enfermagem, uma irlandesa e outra americana, corriam de uma vítima para outra. Nós nos ajudávamos. E nos sentíamos igualmente arrasados pela cena.

Quando os bombeiros chegaram, ficaram tão desorientados quanto nós. Mesmo assim, em questão de segundos, o choque foi substituído pelo profissionalismo. Eles se espalharam, nos liberando de nossas funções, assumindo da

maneira certa o que estávamos fazendo precariamente, mas com dedicação.

Apertei a mão de Jason e abracei-o, enquanto o último de nós partia. Ele não foi conosco porque perdera muito sangue e precisava ser tratado no local.

A estudante de enfermagem americana caiu em lágrimas ao chegarmos à rua. Eu abracei-a. “Isso parece o 11 de Setembro”, disse ela. “Por que eles fazem isso?” Não havia resposta para aquela pergunta, pelo menos não uma que fizesse sentido para mim.



do oposto. Ele acabou passando sobre os escombros do impacto da bomba e causando mais danos materiais. No total, três trens foram atingidos.

Ben McCarthy viajava num vagão longe daquele que tinha sofrido o ataque. “Estávamos provavelmente a apenas duzentos metros da estação da Edgware Road, indo em direção a Paddington, quando houve aquele barulho de explosão. Um homem foi lançado pela porta do trem e caiu sob os vagões. Tudo ficou preto e cheio de fumaça durante certo tempo”, contou. “Foi horrível. As pessoas estavam incrivelmente calmas, mas muito, muito chocadas. Os gritos do rapaz que estava embaixo do trem pioravam a situação.”

Em meio a tantas atrocidades, surgem muitos casos de heroísmo. Foi o que se deu com Paul Dadge, 28 anos, funcionário da AOL e ex-bombeiro.

O trem no qual ele estava parou na estação da Edgware Road depois que houve a explosão à sua frente. Dadge imediatamente foi até o local do ataque e começou a ajudar os passageiros ensangüentados – tornando-se, sem querer, manchete de vários jornais no dia seguinte, fotografado enquanto ajudava uma mulher, chamada Davinia, que recebera uma máscara de gel para proteger o rosto por causa das graves queimaduras.

“Como bombeiro, tinha sido treinado em primeiros socorros, e consegui me lembrar de tudo”, disse. “No local havia dois paramédicos improvisando um centro para os feridos no prédio da empresa Marks & Spencer, ali perto. Então, começamos a levar os feridos para lá e a fazer uma triagem.”

CENTRO DE CONTROLE DO METRÔ

TRÊS BOMBAS, dezenas de pessoas mortas. Ainda não eram nove da manhã. No centro de controle do metrô de Londres, na Broadway, em St. James's Park, os funcionários tentavam freneticamente avaliar os danos. Do centro, eles controlam o movimento de cada trem da rede. Tanto a interrupção da Circle Line como a da Piccadilly Line estavam piscando nas telas, alertando Andy Barr, chefe do centro de controle, sobre a possibilidade de uma situação grave. Procedimentos preparados muito tempo antes e que faziam parte do plano de emergência do metrô começaram a ser postos em ação.

A imprensa exigia uma explicação sobre o que estava acontecendo. Uma desculpa era dada como resposta: todos os fusíveis das linhas haviam queimado, dando a entender que havia uma “sobrecarga na rede elétrica”.

O Royal London Hospital, apesar do estado de calamidade daquela manhã, tinha sido abençoado pela sorte. Enquanto a primeira bomba explodia às 8h50 em Aldgate, a menos de dois quilômetros dali, especialistas da A&E, órgão responsável por resolver situações de acidente e emergência, estavam reunidos para discutir suas táticas em relação a grandes situações de caos na capital. Achavam-se presentes equipes do serviço de resgate com helicópteros, além de especialistas seniores do Royal London Hospital.

Em poucos minutos, o telefone tocou: precisavam da ajuda deles. O Dr. Gareth Davies foi imediatamente até o local da explosão em Aldgate e pôs em prática seu plano conhecido como Physician Response Unit (Unidade de Resposta Médica), que consiste em levar o atendimento de emergência diretamente aos pacientes, em vez de esperar que eles cheguem ao hospital.



Minutos depois da explosão, dois médicos de férias em Londres — marido e mulher — correm para levar uma vítima retirada do metrô da Russell Square até o College London Hospital.

Esperando pelas vítimas no Royal London Hospital estava o Dr. Alastair Wilson, consultor-chefe da A&E, que saíra às pressas da reunião. “Quando as bombas explodiram, estávamos todos lá, prontos para começar a agir”, ele comentou. “Tínhamos médicos de plantão em número suficiente para atender quatro, cinco ou seis vezes mais do que o número de feridos.”

TAVISTOCK SQUARE, 9H30

NA TAVISTOCK SQUARE, o Dr. Peter Holden sabia que algo estava errado. Ele ouvia as sirenes da polícia e das ambulâncias que passavam em direção à estação da King’s Cross e um helicóptero que sobrevoava seu escritório havia já alguns minutos. Lá embaixo, na rua, por volta das 9h30, Jamie Gordon ia para o trabalho.

As notícias da tragédia começavam a chegar. Na conferência de líderes mundiais do G8, em Gleneagles, Perthshire, Tony Blair recebeu a infor-

mação sobre a “sobrecarga na rede elétrica” em Londres. Blair, apesar de preocupado, manteve seu compromisso com o presidente chinês. Ao fim da reunião, um assessor lhe contou a total extensão do ataque. Blair parecia chocado. E decidiu retornar a Londres.

Downing Street fervilhava. O gabinete estava reunido desde cedo naquela manhã, presidido pelo vice-primeiro-ministro John Prescott, quando o ministro do Interior, Charles Clarke, recebeu o primeiro aviso de que Londres estava sendo atacada.

Até aquele momento, os danos causados pelos homens-bomba se restringiam ao metrô. Logo, no entanto, o terrível espetáculo alcançaria as ruas. Por volta das 9h40, a polícia e os serviços de emergência estavam em alerta total. As estações da Euston e da King’s Cross estavam sendo evacuadas. Passageiros confusos eram conduzidos às ruas aparentemente calmas de Bloomsbury, com alguns sendo levados para a arborizada Tavistock Square, onde ressaltava de um lado a imponente fachada de tijolos vermelhos da sede da Associação Médica Britânica.

Às 9h42, Jamie Gordon já havia deixado o apartamento do amigo e ligado para o escritório, avisando que estava a caminho. É quase certo que embarcou no ônibus 30, junto dos passageiros que foram retirados do metrô. O ônibus saía do seu itinerário por causa do desvio na King’s Cross. Como resultado, o trânsito não fluía, e os passageiros iam ficando impacientes.

Um deles, Richard Jones, 61 anos, consultor de tecnologia da informação de Bracknell, em Berkshire, começou a ficar irritado – não com o trânsito, mas com o comportamento estranho de um dos passageiros.

“Estava todo mundo em pé, cara a cara, e aquele homem ficava se abaixando para pegar algo em sua bolsa”, contou Jones. “Ele ficou perto de mim, com a bolsa no chão, e não parava de se abaixar e procurar não sei o quê. Aquilo foi me deixando muito irritado, pois o ônibus estava lotado.” Então Jones decidiu descer assim que chegaram à Tavistock Square.

Às 9h47, uma forte explosão ecoou por todo o Bloomsbury. O Dr. Peter Holden sentiu o tremor em seu escritório.

“Logo percebemos que tinha sido uma bomba. Eu podia ver a fumaça branca e os vestígios do explosivo. Também dava para sentir o cheiro”, contou. Seus treinamentos para situações de emergência rapidamente assumiram o comando. Convenceu os colegas a deixarem o instinto de lado, alertando para o fato de que ataques a bomba bem planejados sempre

acontecem em série, a fim de eliminar quem se aproxima para ajudar e quem fica em volta, observando. Eles abaixaram as persianas e aguardaram cinco minutos. Depois, utilizando as escadas por medo de o elevador ter sofrido algum dano, desceram rapidamente.

O cenário de carnificina era estarrecedor. Corpos dilacerados jaziam pela rua. Passageiros atordoados e o motorista George Psarabakis, em choque, começaram a ajudar os passageiros atingidos que ainda estavam saindo do destroçado veículo vermelho da empresa Stagecoach. “Pensei que tinha batido no meio-fio”, explicou Psarabakis. “Então olhei para trás. A traseira do ônibus havia desaparecido.”

Holden e os colegas descreveram seu trabalho. “A primeira hora foi de absoluto caos; a segunda transformou-se num caos organizado, e depois de três horas já estávamos conseguindo fazer alguma coisa.”

Ele acrescentou: “Havia feridos na cabeça, no peito, na barriga, nos braços e nas pernas. Era exatamente o contrário do que normalmente acontece nessas situações. Em geral, temos muito material de socorro e pouco pessoal. Desta vez, tínhamos muito pessoal e nenhum material.”

Quando as equipes de ambulância chegaram ao local, descobriram que Holden e seu grupo tinham improvisado um hospital na calçada ensanguentada da AMB. Para pelo menos 13 passageiros do ônibus, foi tarde demais. Mas, graças àqueles médicos, somente uma das pessoas que foram



“Alguém viu o Jamie?” Yvonne Nash procura seu namorado.

trazidas para a entrada da AMB depois das explosões não conseguiu resistir: Jamie Gordon.

Os ataques duraram 57 minutos. A cidade que despertara orgulhosa por ter sido escolhida para sediar a Olimpíada fora reduzida a um doloroso silêncio, somente quebrado pelo gemido constante das sirenes da polícia.

DEPOIS DOS ATAQUES

DEPOIS QUE A DIMENSÃO do ataque tornou-se clara, planos de emergência entraram em ação imediatamente. Em Gleneagles, o primeiro-ministro Tony Blair redigiu sua resposta inicial, a ser apresentada ao vivo pela televisão dali a apenas dez minutos, e partiu para Londres. Na mensagem transmitida naquela noite, ele elogiou “a coragem e a força” dos londrinos.

Mesmo assim, muitos londrinos ainda não tinham voltado para casa. Em sua quase totalidade os transportes públicos estavam parados. Todos que haviam tomado o metrô para ir ao trabalho se achavam agora presos em algum lugar. E muitos, em vez de enfrentar a longa caminhada para casa, tinham decidido ficar em hotéis no centro da cidade.

Enquanto as pessoas voltavam para os braços daqueles que lhes eram queridos, outros começavam a temer o pior. À medida que anoitecia e o namorado, Jamie Gordon, não respondia às suas angustiadas mensagens, Yvonne Nash começou uma busca desesperada. “Será que ele está morto? Será que está vivo? Ficar sem saber é pavoroso”, disse aos prantos.

Na manhã seguinte, Yvonne continuava sua busca. “Já faz quase 24 horas”, explicou. “Eu preciso encontrá-lo. Preciso saber o que aconteceu.” Naquele dia, mais tarde, na Tavistock Square, perto do local da bomba do ônibus, ela encontrou o celular do namorado.

Havia centenas de parentes e amigos na rua naquele dia, carregando fotos de seus entes queridos, que sorriam, desconhecedores da tragédia que estavam por enfrentar. A agonia apenas começava...

NÃO CUSTA PEDIR



Cheguei de carro a uma agência dos correios e fiquei surpreso ao ver um painel de madeira cobrindo o lugar onde deveria haver uma porta de vidro. Na madeira havia um aviso: “Favor deixar o carro do lado de fora.”

AMY DIETZ, EUA